

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



PIMPÃO, Álvaro Júlio da Costa (Coimbra, 21-11-1902 – Coimbra, 06-01-1984)

Professor universitário, historiador e crítico da literatura portuguesa. Ao longo da Licenciatura em Filologia Românica, que concluiu em 1927, Costa Pimpão (CP) foi aluno de nomes consagrados e influentes na história da literatura e da cultura portuguesas como Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Joaquim Mendes dos Remédios, António de Vasconcelos, Eugénio de Castro e Joaquim de Carvalho. Mais tarde, após ter obtido o diploma da Escola Normal Superior (1930) haveria de ingressar no magistério liceal, tendo sido reitor dos liceus do Funchal, Figueira da Foz e Viseu. Com exceção de uma breve passagem por França (Universidade de Bordéus), onde foi leitor de Português (1937-1939), do período em que foi professor visitante na Universidade Federal da Baía e na Universidade de São Paulo (1954-1957), a sua carreira universitária cumpre-se na Faculdade de Letras de Coimbra, entre 1939 e 1972, data da sua jubilação. Exerceu ainda os cargos de vogal do Conselho Superior do Instituto de Alta Cultura (1963-70) e de procurador à Câmara Corporativa, em representação dos homens de letras.

A sua atividade de pesquisa abrange as três grandes áreas que caracterizam o ofício de filólogo: a edição de obras, a hermenêutica textual e a historiografia literária. Na senda dos mestres que o precederam, CP defendeu sempre o princípio de que a história literária só pode fazer-se com base em obras escrupulosamente editadas. Não admira assim que tenha consagrado a esta tarefa boa parte do seu saber e do seu tempo.

De entre as várias edições que preparou distinguem-se aquelas que consagrou às obras de Luís de Camões e de Gil Vicente. No que diz respeito ao primeiro, *Rimas, Autos e Cartas* veem a luz em 1944, reunidas num só volume, em formato de luxo. O trabalho editorial em torno dos textos de Camões haveria de continuar até ao final da sua vida académica. Em 1953 e em 1973, após revisão, as *Rimas* são objeto de publicação separada, primeiro através da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e, mais tarde, já com a chancela da Livraria Almedina. Neste mesmo ano, surge também *Os Lusíadas*, em edição criteriosamente anotada, precedida de um longo e abrangente estudo prefacial e enriquecida com um precioso índice de nomes próprios.

Tal como notaram dois dos seus críticos e também discípulos diretos (Aguiar e Silva e Aníbal de Castro), a descoberta de alguns manuscritos respeitantes à Lírica, até então desconhecidos ou subvalorizados, veio pôr em causa algumas atribuições de autoria então firmadas pelo editor. Do mesmo modo que, no caso de *Os Lusíadas*, se revelam controversas algumas opções tomadas quanto à fixação do texto. Apesar das



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

reservas que possam aduzir-se, pode dizer-se que, passados mais de 50 anos sobre o seu aparecimento, as edições camonianas de CP continuam a servir de referência para todos quantos investigam e ensinam os textos do nosso poeta maior.

O mesmo pode dizer-se da *Obra Completa* de Gil Vicente, que veio a público em 1956. Tal como a edição camoniana de 1944, também esta conta vinhetas e iluminuras de Joaquim Lopes. Tal não impede contudo a inclusão de um estudo introdutório de cerca de 75 páginas, distribuído por oito subcapítulos. Nele se sistematiza o que de mais importante se sabia na altura sobre o dramaturgo e se estabelece uma perspetiva acerca de aspetos controversos, que vão desde a biografia até à cultura intelectual, a evolução artística, a representação satírica da sociedade da época e a expressão lírica. O volume contava ainda, no final, com algumas Notas e com um criterioso Glossário. Em termos globais, pode dizer-se que a edição vicentina de CP constitui um avanço considerável em relação a todas as que tinham sido publicadas até então. Em termos de apuro crítico, só viria mesmo a ser ultrapassada por aquela que viria a surgir em 2002, sob coordenação científica de José Camões.

Ainda no domínio da ecdótica, cumpre mencionar os trabalhos que CP desenvolveu, em colaboração com Aida Dias, em torno do *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende e que haveriam de culminar na edição vinda a lume entre 1973 e 1974. Com base nesse trabalho, esta investigadora viria depois, ela própria, a fixar aquela que é hoje a mais confiável edição do Cancioneiro resendiano, acompanhada de estudo, notas e dicionário de temas e autores.

Com destino a públicos mais amplos, CP organizou também edições didáticas e dirigiu a publicação de uma série de obras de Fialho de Almeida (autor a quem consagrara a sua dissertação doutoral), com introduções críticas alargadas.

CP é autor de um volume de *História da Literatura Portuguesa* consagrado à Idade Média (1947, com edição revista em 1959). Deu ainda início à publicação, em fascículos, como era uso na altura, daquele que seria o segundo volume respeitante aos séculos XV e XVI. O primeiro tomo e também aquele que chegou a ser iniciado (e que alcançou um total de mais de 250 páginas) faziam parte de um empreendimento global que deveria abarcar a literatura até ao século XX.

O modelo escolhido era o mesmo que, desde as últimas décadas do século XIX, Francesco De Sanctis adoptara para a literatura italiana, seguido por Gustave Lanson para a literatura francesa e, já mais perto de CP, Menéndez Pidal colocara em prática para a literatura espanhola. Depois da historiografia útil mas preconceituosa de Teófilo Braga e do didatismo sério mas simplificador de Joaquim Mendes dos Remédios (1911), ou ainda da extensa e aparatosa *História Ilustrada da Literatura Portuguesa*, coordenada por Albino Forjaz Sampaio (1929), mas dirigida a um público restrito, sentia-se a necessidade de uma obra assente em premissas de rigor.

O princípio de que cada país é chamado a definir a sua identidade com base nos traços culturais e étnicos que o definem assenta na visão nacionalista de uma *história da civilização*, tal como aparece sustentada em Hypolite Taine (*Philosophie de l'Art*, 1870). Assim se explica o circuito que os historiadores da literatura são chamados a percorrer entre a especificidade de cada cultura e domínios linguístico-culturais mais amplos. A



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

tarefa exigia, desde logo, investigação continuada e paciente, capaz de resgatar documentos, identificar autorias, clarificar contextos e proceder ao ordenamento periodológico. Tendo consciência das dificuldades do trabalho a que metera ombros, CP confessa em *Advertência* à edição de 1959 que o plano não avançara justamente pelo volume de esforços que implicava “em pesquisa e em crítica” e também pelo “pesado serviço docente” que o próprio teve de assumir ano após ano.

Num país de mercado reduzido, é de crer que o aparecimento de obras na mesma área representasse uma dificuldade acrescida para a continuidade de um projeto daquela natureza e amplitude. Em 1955, por exemplo, via a luz a *História da Literatura Portuguesa*, de Óscar Lopes e António José Saraiva. Embora se destinasse inicialmente ao ensino secundário (competindo diretamente com outras do mesmo género), a verdade é que, com o tempo, esta obra de natureza mais interpretativa acabaria por vir a merecer também o favor dos estudantes do ensino superior, ganhando uma clara supremacia no plano editorial.

O nome de CP é normalmente associado às edições que preparou e à citada *História da Literatura Portuguesa* da época medieval que, em vários aspetos, pode considerar-se ainda hoje insuperada. Seria injusto, porém, deixar de mencionar uma terceira vertente da sua obra: a de crítico literário. A este propósito, devem referir-se sobretudo dois extensos volumes (*Gente Grada* e *Escritos Diversos*), publicados respetivamente em 1952 e 1972. Esta última coletânea data da fase final da sua carreira e é aberta por um Prefácio que exprime o essencial do posicionamento de CP face aos estudos literários, tal como eles eram cultivados na época: “Considerados de diversa maneira, conforme o público a que se destinaram, as pessoas que os suscitaram ou os motivos que os provocaram, estes escritos oferecem todos uma feição comum: o amor da verdade. Escrevi sempre para saber como as coisas na realidade se teriam passado – e não como as imaginaram ensaístas apressados ou indivíduos menos escrupulosos.” (p. V). Proclamando as suas convicções positivistas, plasmadas no desejo de “saber como as coisas se teriam passado”, CP demarca-se não apenas dos indivíduos ditos “menos escrupulosos” mas também do *ensaísmo* que rivalizava com a história literária nos meios académicos, distinguindo-se desta pela pouca atenção prestada aos fundamentos eruditos. Na primeira parte desta miscelânea, intitulada “Temas de controvérsia”, o historiador toma partido claro sobre questões controversas tais como a autoria de dois autos atribuídos a Gil Vicente, o possível aparecimento das “crónicas perdidas” de Fernão Lopes ou a possibilidade de Camões ter ou não lido diretamente Platão.

As justificações aduzidas por CP na já citada *Advertência* para explicar o atraso e a irregularidade na publicação da sua história da literatura portuguesa têm efetivo fundamento. Tendo sido, por largos anos, o único catedrático da sua Faculdade, a ele coube a supervisão dos professores mais novos. Para além da orientação de muitas dezenas de teses de licenciatura, CP orientou dissertações de doutoramento que haveriam de alterar o entendimento da literatura portuguesa. Ofélia Paiva Monteiro, Vítor Aguiar e Silva, Aníbal Pinto de Castro e Aida Fernanda Dias contam-se entre os que beneficiaram do seu apoio ao longo das décadas de 60 e 70. De facto, desde o período final da Idade Média (Aida Dias) até ao Romantismo (Ofélia Monteiro) passando pelo Maneirismo e Barroco (Aguiar e Silva) as dissertações que foram elaboradas sob orientação de CP estavam subordinadas a um claro desígnio de reconversão historiográfica. Para além do

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

estudo dos textos e dos contextos histórico-culturais, o plano incluía também a análise dos códigos poéticos. Nesse exato quadrante situa-se nomeadamente a investigação doutoral empreendida por Aníbal Pinto de Castro.

Esta ambição científico-pedagógica (à qual alude em vários textos prefaciais) leva ainda CP a um compromisso institucional de outra natureza, fundando e dirigindo o Centro de Estudos Românicos e a *Revista de História Literária de Portugal* (1962). A escassa duração da revista (vieram a lume apenas três números, com periodicidade irregular) confirma ainda a dificuldade que na universidade portuguesa se fazia sentir na reunião de grupos de trabalho capazes de levar por diante trabalhos de maior fôlego. A esse e a outros fatores se fica a dever, no caso de CP como no caso de outros professores universitários da mesma época, uma relativa escassez de produção impressa e, sobretudo, a interrupção de alguns projetos louváveis e ambiciosos.

Bibliografia Ativa: *Fialho de Almeida I. Introdução à sua estética*. Coimbra, Coimbra Editora, 1945.; *História da Literatura Portuguesa, Primeiro volume (séculos XII a XV)*, Coimbra, Edições Quadrante, 1947 (2ª edição, revista, Coimbra, Edições Atlântida, 1959); *Gente Grada*, Coimbra, Livraria Atlântida, 1952; *Escritos Diversos*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1972.

Bibliografia Passiva: Bernardes, José Augusto Cardoso, “História literária” e “História Literária em Portugal”, in *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa/São Paulo, vol. 2, 1997, pp. 1024-1038; Castro, Aníbal Pinto de, “À guisa de Apresentação” (texto que precede a 2ª edição de *Os Lusíadas*), Lisboa, Instituto Camões, 1989, pp. V- XI; Idem, “Breve Nota de Apresentação” (texto que precede a 4ª edição de *Rimas*), Coimbra, Livraria Almedina, 1994, pp. V-XI; Idem, “Pimpão, Álvaro Júlio da Costa”, in *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa/São Paulo, Vol. IV, 2001, pp. 161-164; Cunha, Carlos, *A construção do discurso da história literária na literatura portuguesa do século XIX*, Braga, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2002; Silva, Vítor Aguiar e Pimpão, Álvaro Júlio da Costa (camonista), in *Dicionário de Luís de Camões*, Lisboa, Editorial Caminho, 2011, pp. 688-692; Silva, Vítor Aguiar e, “Primavera e Inverno na filologia românica”, in *Colheita de Inverno. Ensaios de Teoria e Crítica Literárias*, Coimbra, Almedina, 2020, pp. 91-112.

José Augusto Bernardes